

## OS ESCRAVIZADOS E A LUTA PELA LIBERDADE NO RECIFE OITOCENTISTA

THE SLAVERY AND THE FIGHT FOR FREEDOM IN THE OITOCENTIST RECIFE

André José do Nascimento

*andrejn2510@gmail.com*

Universidade Católica de Pernambuco

Recife - Pernambuco - Brasil

Submetido em 09 de julho de 2019

Aceito em 24 de setembro de 2019

48

### Resumo

Durante a primeira metade do século XIX, a capital da província pernambucana, o Recife, era constituída em sua maioria por negros livres, libertos e escravos. Os escravizados não aceitando a dominação imposta pelos senhores impuseram a sua resistência perante o sistema escravocrata, uma dessas reações foram as fugas que na visão do escravizado era uma das formas de conquista à sua liberdade. Os senhores escravocratas utilizaram a imprensa para divulgar as evasões de escravos com a intenção de reaver a sua “mercadoria”, que desafiando as autoridades, fugiam e criavam estratégias para se manterem longe do cativoiro.

**Palavras chaves:** escravidão, resistência, liberdade.

### Abstract

During the first half of the nineteenth century, the capital of the Pernambuco province, Recife, was made up mostly of free blacks, freedmen and slaves. The enslaved not accepting the domination imposed by the masters imposed their resistance to the slave system, one of these reactions were the escapes that in the view of the enslaved was one of the ways to conquer their freedom. The slaveholders used the press to publicize slave evasions with the intention of reclaiming their “commodity”, which defied the authorities, fled, and devised strategies to stay away from captivity.

**Keywords:** slavery, resistance, freedom.

O conceito de liberdade é um tema recorrente na história da humanidade, e tem contribuído para entendimento das lutas sociais travadas por homens e mulheres que viveram em épocas, nas quais havia maior restrição à liberdade, assim:

A conquista da liberdade é um processo de conquistas, que podem ou não ser adquiridos ao longo de uma vida. É a incrementação de um conjunto de direitos que podem ser alcançados, ou perdidos, um a um com o tempo. É, portanto, um caminho a ser percorrido, e não uma situação estática e definitiva (CARVALHO, 2010, p. 214).

49

Na sociedade moderna ideologia ocidental, a liberdade está relacionada à concepção de uma independência individual, dentro de um corpo social normatizado, na qual as pessoas são iguais perante a lei. No Brasil oitocentista, os negros escravizados buscaram reconstruir a sua soberania, e para isso se rebelaram contra o seu senhor. Neste sentido, a construção do caminho para emancipação passava por uma rede de relações interpessoais, as quais o cativo pertencesse, fortalecendo a luta pela libertação.

As fugas dos escravizados anunciadas no “Diário de Pernambuco”, durante a década de 1830, é uma demonstração da luta dos cativos por sua liberdade. É através dessas informações que podemos compreender o antagonismo dos negros e negras perante ao sistema escravista. Ao analisamos esses anúncios encontramos diversas estratégias que foram utilizados pelos foragidos, que para se manterem longe do cativeiro se utilizaram do espaço urbano, das matas, formando suas redes de solidariedade, alegando que era forro, deslocando-se para outras localidades e até mesmo para outras províncias.

Esses mecanismos estiveram presentes nos anúncios de fugas dos escravos publicados no “Diário de Pernambuco”, demonstrando que os cativos sempre lutaram por sua liberdade, mesmo com toda a vigilância imposta a população negra. A resistência contra o sistema escravista esteve presente durante a primeira metade do século XIX. Nesse cenário, é que este estudo tem como proposta apresentar alguns dados que foram extraídos do periódico, e pretende contribuir com o debate sobre a escravidão no Brasil. A fuga era uma das formas que os escravizados encontraram na tentativa de obter dias melhores. Partiam em direção à mata ou para cidade onde certamente

teriam constituído a sua rede solidariedade, “a construção da sua liberdade era baseada na sua experiência, nas tradições de sua cultura” (CARVALHO, 2010, p. 215). Em uma sociedade escravocrata, o cativo que desejasse construir a sua liberdade não poderia fazer isso isoladamente, era preciso reconstruir os seus laços, na mata o fugitivo teria que pertencer à comunidade alternativa: o quilombo. Aqueles que decidiam ir para os centros urbanos teriam que contar com a reciprocidade de alguns moradores dessas localidades.

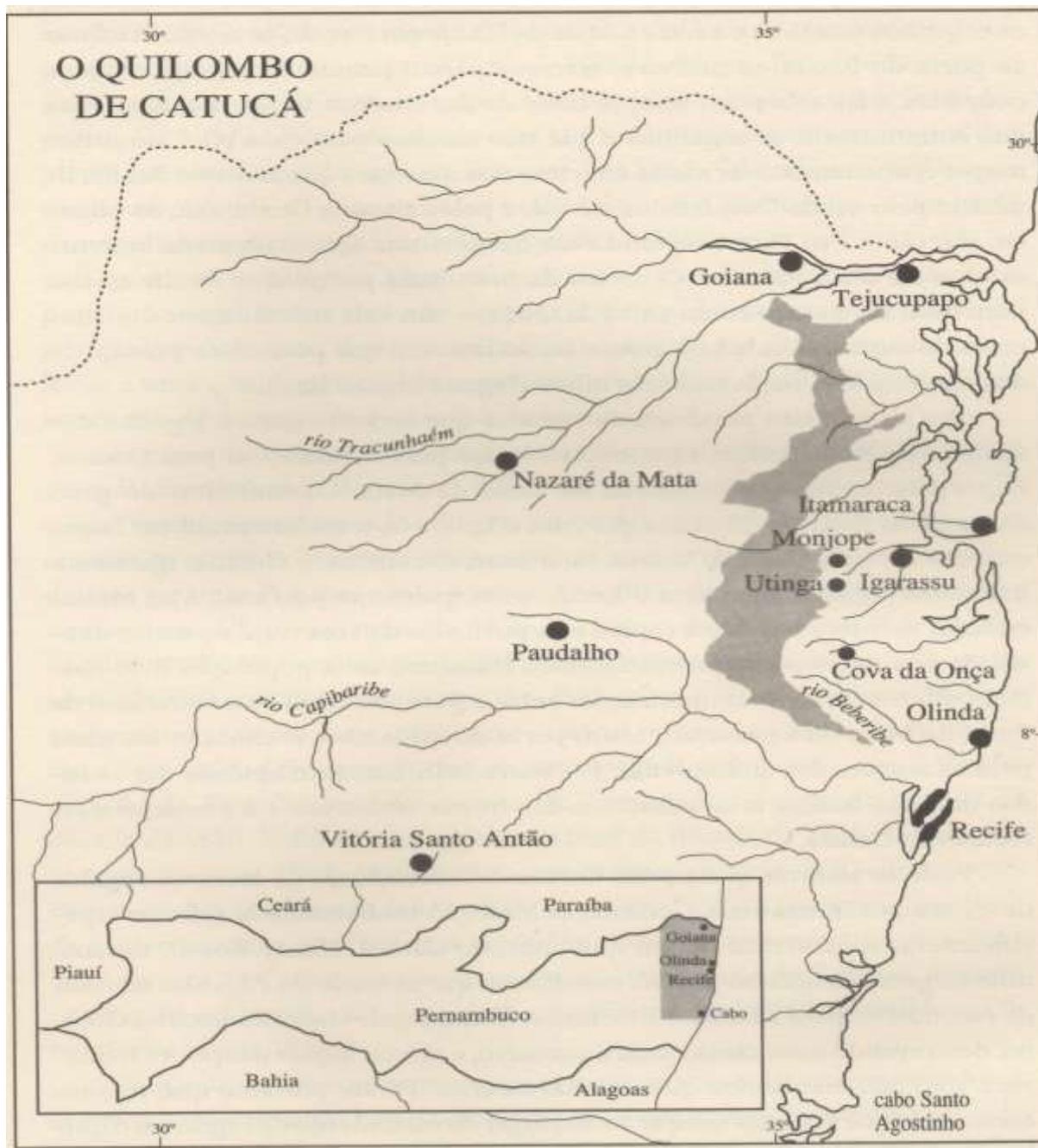
50

Essas redes de relações eram fundamentais na vida do cativo, pois, por meios delas mantinham a sua humanidade social, e impuseram uma série de rebeldias e acordos que minavam as relações senhor-escravo. Na tentativa de manter o escravizado sobre o seu controle, o senhor em determinados momentos cedia a pressão dos cativos lhes concedendo alguns benefícios. Quando esses acordos eram quebrados os cativos promoviam as suas rebeldias, sendo a evasão uma delas.

As informações trazidas pelos anúncios de escravos foragidos no “Diário de Pernambuco” demonstram que as matas e suas proximidades eram um dos destinos, pois os negros que circulavam nessas regiões desenvolviam diversas atividades. Possivelmente, teriam suas residências na floresta, locais onde consistia uma grande quantidade de negros, principalmente na região Norte da Província de Pernambuco, onde estava situado um dos principais redutos de escravos foragidos: o Quilombo do Catucá. Era para essas regiões de mata que uma parte da população negra quando fugiam do cativeiro procuravam para se esconder.

O quilombo urbano do Catucá foi uma dessas localidades de resistência negra contra a escravidão; essa floresta serpenteava a área mais populosa da Província, ao Norte do Recife, cortada por muitas estradas e picadas, ela começava nos limites de Beberibe, antigo subúrbio do Recife, passando por São Lourenço, Paratibe até o povoado de Tejucupapo chegando nas proximidades de Goiana.

**Imagem 1.** Localização do Quilombo do Catucá



Fonte: CARVALHO, CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco.** In: REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil.* São Paulo: Claro enigma, 2012, p. 465 – 493.

Como alguns dos anúncios traziam a suposta localidade onde o cativo foragido poderia estar escondido, a mata aparece 18 vezes como um dos destinos. Um desses casos foi o do negro Ignacio, quando empreendeu a sua fuga provavelmente foi para o mato, com os seus ofícios de carreiro, carpina e serrador, assim conseguia trabalho nos engenhos que ficavam nas proximidades da mata. Outro escravo que teve como suposto destino a mata foi João, o periódico traz a informação que o negro poderia está no mato, o anunciante suspeitava que o cativo estivesse na floresta trabalhando como cortador de capim e lenha, enquanto outros eram responsáveis pelo transporte do material coletado pelo escravizado.

Os senhores dos dois cativos citados acima suspeitando que os foragidos estariam escondidos no mato, local que era habitado por negros e outros seguimentos da sociedade, além disso, a área contava com uma certa quantidade de engenhos, como afirmou os respectivos donos dos cativos Ignacio e João, indicando que os cativos poderiam estar prestando serviços na floresta e nos engenhos. Em alguns casos os senhores tinham conhecimento da suposta localidade na qual o seu cativo estava escondido, esta informação era colocada no jornal, levando a todos aqueles que viviam da captura de escravos foragidos para ficarem cientes sob tais indivíduos. “A promessa de uma gratificação era um estímulo a quem os levasse o foragido até o endereço que foi posto no anúncio” (GOMES, 1996, p. 67 – 93).

A historiografia ressalta que as fugas de escravos poderiam ter vários significados e estratégias. Flavio Gomes destaca algumas dessas possibilidades, visita amigos, a parentes, reconstruir os laços culturais, encontrar novos senhores, reencontrar senhores antigos. Na minha pesquisa encontrei alguns casos, o escravo Joaquim se encontrava foragido há quase quatro anos, foi capturado em 1830, levado à cadeia de Olinda. A notícia de sua prisão chegou até o seu senhor que publicou um anúncio no “Diario de Pernambuco” destrinchando uma estratégia que possibilitou uma nova fuga do cativo. Que a mulher que o acoitava, sogra de Antonio Fernandes Chaves, escova botas, um troca tinta, um João ninguém, ela enviou um emissário à casa do Juiz de Paz para tentar recuperar o cativo Joaquim, afirmando ser sua dona. Mas, a estratégia não deu certo e o escravizado empreendeu uma nova fuga, que foi anunciada no periódico, na tentativa de encontrá-lo o seu senhor prometeu uma recompensa de 20 mil réis, acreditando que teria

retornado à casa da sogra do escova bota localizada no Janga. Portanto, o dono do negro Joaquim prometeu que iria agir com o rigor da lei contra a mulher, sogra e mais moradores da casa.

O foragido Joaquim exercia os ofícios de canoeiro e pescador, o que poderia ter facilitado a sua permanência longe do cativo durante quase quatro anos, já que o cativo se encontrava fora do cativo há quase quatro anos, tendo empreendido a sua fuga por volta do ano de 1826. Como os canoeiros eram responsáveis pelo transporte de produtos e pessoas, conduzindo suas canoas por diversas localidades da província pernambucana, esses negros teriam contatos uns com outros, que em certos momentos formava as suas redes de solidariedade,

[...] ajudando membros do seu grupo como também outros cativos a fugirem. Para os senhores, os negros canoeiros eram uma ameaça constante, pois com sua mobilidade, através dos rios conseguiam ajuda diversos cativos a fugirem para locais distante, por isso, as autoridades mantinham uma forte vigilância sobre eles (CARVALHO, 2010, p. 37).

Os escravizados sabiam da sua importância para a manutenção da vida econômica dos seus algozes. Para manter os seus direitos que foram conquistados com muita luta os negros em muitas situações se utilizavam das fugas. Em algumas situações os cativos fugiam por período curto de tempo, esse mecanismo poderia ser considerado um caso de resistência que teria como um dos objetivos melhorar a condição de trabalho e vida ou outras questões que envolvia a convivência nas senzalas (REIS, 2009, p. 62 – 66).

As relações entre os escravizados e os senhores eram de constantes conflitos, os negros e negras viviam em um embater constante pela sobrevivência, “quando estes eram obrigados a trabalharem aos domingos e dias santos” (LIBBY; PAIVA, 2005, p. 45 - 49), por exemplo, empreendiam suas rebeldias mesmo sabendo que poderia ser castigado, pois os cativos sabiam que a Igreja proibia tais práticas em determinados dias.

Os negros e negras que buscaram empreender a sua fuga, para viverem como se fossem livres, teriam que enfrentar as diversas dificuldades que poderiam encontrar dentro ou fora da cidade. Uma dessas dificuldades era justamente a vigilância das autoridades que na década 1830 se tornou mais vigorosa. Por outro lado, quando as elites estavam envolvidas em conflitos, eram

nesses momentos que os cativos encontravam um afrouxamento das autoridades, planejavam as suas evasões, que na configuração social da escravidão teria uma certa relação com quebras de acordos e o excesso de castigos.

Durante a nossa investigação encontramos cerca de 3.043 anúncios de evasões dos escravos que foram divulgados no jornal “Diario de Pernambuco”. A maioria empreendeu suas fugas sozinhos, somando um total de 2.913, ou seja 95,7% dos cativos. Um desses foi o negro Antonio, com 30 anos, bem preto, estatura regular, cheio, pouca barba, andar miúdo. No braço esquerdo junto ao ombro uma cicatriz de talho, e em ambas as nádegas uma malha branca, fugido a 15 meses do engenho Alto de João Felis freguesia de Sirinhaém. O local de sua entrega em caso de captura era no mesmo engenho ou no Sítio da Piranga, freguesia da Várzea Jeronimo Barreiros Rangel. Outro cativo que resolveu fugir sozinho foi o moleque Francisco, com idade de 14 anos, de Nação Moçambique, com serra desde a testa até aponta do nariz, os apreendedores devem leva na rua da Cruz nº 12.

A imprensa pernambucana teve um papel determinante na luta contra os rebeldes negros. Estes sujeitos que impuseram uma forte resistência contra o cativo, que se refletia nas fugas. Contudo, a História do Brasil do século XIX, está nos anúncios de jornais, as observações feitas por Gilberto Freyre nos possibilitam compreender a luta dos cativos perante a sociedade escravocrata. Através dos dados levantados constatamos que o periódico em questão contém um quantitativo considerável de negros e negras que se evadiram dos seus respectivos cativos, demonstrando um constante embate entre os escravizados e os seus donos.

Alguns anúncios de fugas foram repetidos várias vezes, revelando-nos que o senhor escravocrata queria de qualquer forma recuperar “a sua mercadoria”, que se encontrava longe do cativo. Um dessas publicações foi o do moleque Elias que teve a sua evasão divulgada em quatro edições do jornal (443, 445, 447, 449), em um intervalo de 2 meses para cada publicação. Esse anúncio dizia o seguinte.

Elias, mulato de 15 a 16 anos, cabeça grande, dentes da frente limitados, bem feito de corpo, muito esperto, e levou com sigo um cavalo de estribaria pronto de um tudo e até um par de esporas de prata, o qual tem os sinais seguintes na sarnelha tem um risco de cabelo branco que foi de gerimù de

idade 5 anos, cor cardão imitando ruço sujo cauda curta, esquipa, e lhe passeio e furta passeio: os apreendedores levem-no a rua do Colégio a Bernardino Antonio Domingos que terá 40\$000 rs. De gratificação e sendo pessoa que não queira pega e só sim denuncia-lo terá 20\$ rs. O mesmo adverte que procederá com todo rigor da Lei contra quem o tiver acoitado (**Diário de Pernambuco**, 9 de ago. de 1830).

O mulato levou consigo um cavalo, o que aumentava ainda mais a preocupação do senhor em encontrá-lo, pois, levando em consideração que o moleque (escravo) era uma mercadoria valiosa, isto, certamente traria um prejuízo financeiro em caso de não ser encontrando, esse fato poderia ser uma das causas que fez com que o dono do escravo Elias insistir-se na divulgação do desaparecimento do cativo com o animal. As diversas divulgações do proprietário do escravo demonstrar uma certa preocupação, pois como o cavalo era um animal que poderia ser usado como meio de transporte, teria uma certa facilidade em circula com mais rapidez por diversas áreas da província pernambucana e até mesmo ter se deslocado para outras regiões do Império.

Contudo, o senhor do moleque Elias poderia estar apreensivo quanto a questão de o escravizado ter ido para locais distante, e assim não o encontrar mais, pois uma das alternativas para tentar capturar o foragido foi justamente as publicações em diversas edições do jornal com a promessa de uma gratificação de 40\$000 réis a quem o entregasse na rua do Colégio ao senhor Bernardino Antonio Domingos, mas havia também uma gratificação de 20\$000 réis que do cativo tivesse notícia. Uma cativa chamada Damiana teve a sua fuga anunciado durante cinco edições do periódico (226, 228, 230, 231, 233), trazendo as seguintes informações:

Damianna, crioula, 18 anos, com marcas de fogo pelas costas, magra, e também chicotadas, magra, muito regrista, estatura ordinária, e não mal parecida, tem uma marca ou cicatriz nasceram alguns cabelos; foi escrava do Snr. Garlhado, e seu genro o Snr. João Luiz da Silva: fugiu vestida de vestido de caça, saia preta no [...] de lila, e çapatos verdes no domingo 15 do corrente novembro: levem-na Rua da Roda, no sobrado que foi casa dos exposlos, ou na rua do Cabugá defronte da loja de cera sobrado encarnado, ou na Cruz d'Alma no sítio em que deram um tiro no Desembargador Gustavo, que serão bem recompensados (**Diário de Pernambuco**, 21 de nov. de 1835)

Nesta última edição em que foi publicado a evasão da escravizada Damianna, o seu senhor acrescentou mais informações sobre a características físicas da crioula, que foram as seguintes; marcas de chicotadas, teria uma marca ou cicatrize que foi encoberta pelo crescimento do cabelo. Em alguns casos, os anúncios repetidos traziam um novo dado sobre o escravizado. Para aqueles que desejavam capturar negros foragidos era necessário ter o máximo de informações sobre o escravizado, o jornal era uma das melhores fontes, pois os anúncios de fugas em sua maioria vinham com a descrição das características físicas, ofício, objetos entre outros elementos, que era uma tentativa de os senhores escravocratas reaverem o seu escravo ou escrava que se encontrava fora do cativo. “As características físicas eram descritas com detalhes, levando aos leitores todos os sinais e marcas que pudessem identificar o negro fugitivo” (BASTOS, 2007, p. 61 – 64).

O cativo João Ricardo, que teria como características os seguintes sinais, alto, delgado, olhos grandes, nariz atilado, uma orelha furada, gaforina alta, pouca barba, e tem no pulso esquerdo três cicatrizes de estocadas, com ofício de cozinheiro, os apreendedores devem leva-lo na rua Velha n.º 20. A crioula Victoria, fugiu da casa do seu senhor no dia 30 de janeiro de 1832, o seu anunciante não informa se dará gratificação para os que a encontrarem, mas coloca informações que possibilitaria a captura da negra, conforme descreve trecho abaixo:

Victoria, crioula, idade 20 anos poucos ou menos, boa estatura, magra, falta-lhe um dente adiante, pés cambados pernas algum tanto arguidas, as costas marcadas de cicatrizes de chicote, peitos caídos, mãos grossas, muito regrista, e não é bem preta, levou uma saia nova de chita a sul da Fábrica com ramos brancos a tirada pelo ombro, e não levou camisa também somente embrulhada em um lençol de brim grosso já usado, ausentou-se de casa de seu Snr. em 30 de janeiro: os apreendedores, dirigiam-se a estrada da Trepé para a Soledade, casa que envidraçada, que faz frente paro o sítio, que foi do falecido Pedro Jorge, assim como se protesta desde já ir com todo o rigor da Lei, contra quem a tiver acoitada (**Diário de Pernambuco**, 1 de fev. de 1832).

A negra Victoria é apresentada no anuncio como crioula, que teria por volta de 20 anos, com alguns “defeitos físicos” e com marcas de chicotadas, o anunciante solicitar aos apreendedores que a levem a sua residência que ficava na estrada do Trepé. Afirmando para

aqueles que a acoitaram agiria conforme a lei. O acoitamento era uma prática muito comum na sociedade escravista, mesmo com o rigor da lei, que obrigava todas aquelas que der proteção ou abrigo a escravos foragidos era considerado um criminoso. Muitos se utilizavam dos cativos que deixaram a casa dos seus senhores encontravam apoio em diversas localidades ou residências. No caso da escrava citada acima, como bem desconfiar o seu senhor, ela poderia está na casa de alguém trabalhando, com isso receberia todos cuidados para se manter foragido, pois, neste sentido, haveria uma certa cumplicidade entre o acoitador e a foragida. Como o trabalho doméstico em boa parte era praticado por mulheres escravizadas, isto poderia ter facilitado Victoria ter encontrado esse apoio para se manter escondida. A fuga da negra Victoria provavelmente está relacionada com os maus tratos que ela teria sofrido. As marcas de chicotadas nas costas que cativa apresenta é uma evidencia da violência que cativa sofria dentro do cativoiro. Para se livra da opressão na senzala a escrava preferiu fugir sem deixar vestígios do seu paradeiro, o anúncio não trazia o suposto destino que tomou.

57

Ao mesmo tempo em que o escravo era tratado de forma pejorativa, com os seus defeitos, que o colocava como algo inferior ao branco. Por outro lado, algumas publicações traziam aspectos físicos que de uma forma ou de outra valorizava o seu cativo, mostrando que o escravizado teria certos atributos, como aqueles que apresentavam um bom biotipo e ofícios. Como os exemplos abaixo:

Antonio, do gentio de Angola, 17 anos, sem barba, de boa estatura, bem feito, oficial de alfaiate, cabelos, e beiços revirados; fugiu no dia 15 do passado, com calça preta de sarja, jaqueta de chita de pintas miudinhas: a rua do Colégio loja de louças e vidros que será recompensado (**DIARIO DE PERNAMBUCO**, 8 de mar. de 1833).

O anúncio de fuga citado acima, assim como outros, apresenta o escravo com boas feições, bem feito de corpo e com ofícios, mas ao mesmo tempo eram tratados de forma desumana, querendo demonstrar as suas imperfeições de forma estereotipada, ao se referir a sua cor, o formato dos lábios, ou seja o seu biotipo, que era uma forma de diminuir o negro como ser humana. A imagem dos escravizados representados no “Diario de Pernambuco” era colocada de

forma que negava a humanidade dos escravos, buscando sempre os humilhar. O anunciante teria que traçar a aparência de um indivíduo para distingui-los dos demais que viviam pela cidade, facilitando, assim, a sua identificação. Por esse motivo, os senhores de escravos ao anunciar a fuga de um cativo apresentavam detalhes sobre o comportamento. “Além das características físicas, alguns comunicados traziam informações como a maneira de falar, de vestir, de andar, seus hábitos, seus vícios” BASTOS, 2007, p. 61 -64.

58

As publicações de escravos foragidos no jornal demonstrar que a luta entre os senhores e os cativos estiveram presentes no decorrer da década de 1830. O primeiro queria reaver a sua principal força de trabalho, que era tratado como uma mercadoria de grande valor. Sendo assim, quando o cativo deixava o seu local de trabalho o proprietário do escravo teria uma perda na sua força de produção e econômica. O segundo teria na evasão uma resistência contra o sistema escravocrata em que eram submetidos, esses fugidos tiveram diversos destino um deles era justamente o espaço urbano. Fora do cativeiro o escravizado poderia encontrar trabalho em diversos ramos da econômica e com uma rede de solidariedade poderia viver como se fosse livre dentro e fora da cidade do Recife.

## Fontes

HEMEROTECA DIGITA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 2 de ago. de 1830. n.º 443.

HEMEROTECA DIGITA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 de jul. de 1831. n.º 143.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de ago. de 1830. n.º 453.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, 31 de mar. de 1831. n.º 070.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, 2 de maio. de 1831. n.º 094.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 de ago. de 1830. n.º 443.

HEMEROTECA DIGITAL. **Diário de Pernambuco**, 21 de nov. de 1835. n.º 228A.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 de jul. de 1831. n.º 143.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 1 de fev. de 1832. n.º 301.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 8 de mar. de 1833. n.º 056.

**Código Criminal do Império do BRASIL de 1830.**

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm).

59

## Referências

BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. **O léxico dos anúncios de Escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853 – 1855)**. Dissertação de Mestrado em Letras, Recife: UFPE, 2007.

CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 – 1850**. Recife: UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH, n. 15, p. 5 – 28, Bahia, julho/dezembro, 1981. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18823/12193>> Acesso em 15 de maio de 2018.

\_\_\_\_\_. **O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco**. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Claro enigma, 2012.

GOMES, Flávio dos Santos. **Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista**. Revista Tempo: Rio de Janeiro, 1996, v. 1, p. 67-93.

LIBBY, Cole Douglas; PAIVA, Eduardo França. **A escravidão no Brasil: relações sociais, acordos e conflitos**. São Paulo: Moderna, 2005.

REIS, João José; SILVA Eduardo. **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **“Nos achamos em campo tratar da liberdade”**: a resistência escrava no Brasil oitocentista. Projeto Raça, Desenvolvimento e Desigualdade Socia. p. 1 – 19.